

**SIGNIFICAÇÕES DO TRABALHO NA ADULTEZ E NA VELHICE:
REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA****MEANINGS OF WORK IN ADULTHOOD AND OLD AGE: REFLECTIONS
FROM AN EXPERIENCE REPORT****SIGNIFICADOS DEL TRABAJO EN LA ADULTEZ Y LA VEJEZ:
REFLEXIONES A PARTIR DE UN RELATO DE EXPERIENCIA**

**Roberta Fonseca de Oliveira Pereira¹; Gilberto Silva Vieira²; Gabriel Henderson
Soares Rolim³**

¹ Graduanda em Psicologia, Centro Universitário de Balsas – UNIBALSAS, Departamento de Psicologia, Balsas/MA, Brasil. Email: robertafopereira@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0009-6110-8545>, **Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/2723821316359983>

² Graduando em Psicologia, Centro Universitário de Balsas – UNIBALSAS, Departamento de Psicologia, Balsas/MA, Brasil. Email: gilbertosv06@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-3723-7311>, **Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/4703861074841924>

³ Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Centro Universitário de Balsas – UNIBALSAS, Departamento de Psicologia, Balsas/MA, Brasil. Email: ghendersonpsi@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0009-5973>, **Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/3085929921624527>

RESUMO

O presente estudo busca compreender como diferentes fases do desenvolvimento humano atribuem sentido ao trabalho, analisando as percepções de uma adulta e de uma idosa a partir de um relato de experiência mediado por uma roda de conversa. Fundamentado na Gestalt-terapia, especialmente na noção de campo organismo-ambiente e nos processos de ajustamento criativo, o estudo considera o trabalho como uma atividade que se destaca no campo da experiência conforme necessidades emergem, organizando a percepção de si e do mundo. Ao longo da vida, o trabalho assume funções diversas, influenciadas por fatores sociais, econômicos, emocionais e identitários. Os resultados evidenciam que, para a participante idosa, o trabalho mantém caráter central mesmo após a aposentadoria, sendo associado à dignidade, utilidade e pertencimento. Sua permanência no mercado de trabalho está relacionada tanto à necessidade financeira quanto ao desejo de sentir-se ativa e socialmente integrada. Já para a participante adulta, o trabalho representa um processo em construção, marcado pela busca de desenvolvimento profissional, autonomia, aprendizado e projeção de futuro. As motivações voltam-se para conquistas pessoais e para o delineamento de uma carreira que produza satisfação e sentido. A análise demonstra que o significado do trabalho é dinâmico, modificando-se conforme as demandas de cada etapa da vida. Assim, compreender essas diferenças é essencial para práticas organizacionais mais humanizadas, que considerem as necessidades de trabalhadores em distintos momentos do ciclo vital. O estudo reforça que o trabalho, além de suprir necessidades materiais, constitui importante eixo de desenvolvimento psicológico, social e existencial ao longo da vida.

Palavras-chave: desenvolvimento humano; Gestalt-terapia; sentido do trabalho; identidade profissional.

ABSTRACT

This study aims to understand how different stages of human development attribute meaning to work, analyzing the perceptions of an adult and an older adult through an experience report mediated by a discussion circle. Grounded in Gestalt therapy, particularly the notion of the organism-environment field and the processes of creative adjustment, the study considers work as an activity that emerges as a figure in the experiential field as needs arise, organizing one's perception of self and the world. Throughout life, work takes on multiple functions influenced by social, economic, emotional, and identity-related factors. The results show that, for the older participant, work maintains a central role even after retirement, being associated with dignity, usefulness, and belonging. Her continued participation in the labor market relates both to financial needs and to the desire to feel active and socially integrated. For the adult participant, work represents an ongoing process marked by the pursuit of professional development, autonomy, learning, and future projection. Her motivations are oriented toward personal achievements and the building of a career that provides satisfaction and meaning. The analysis demonstrates that the meaning of work is dynamic, changing according to the demands of each stage of life. Thus, understanding these differences is essential for more humanized organizational practices that consider the needs of workers at different moments of the life cycle. The study reinforces that work, beyond meeting material needs, constitutes an important axis of psychological, social, and existential development across the lifespan.

Keywords: human development; Gestalt therapy; meaning of work; professional identity.

RESUMEN

El presente estudio busca comprender cómo distintas fases del desarrollo humano atribuyen sentido al trabajo, a partir del análisis de las percepciones de una adulta y una persona mayor mediante un relato de experiencia mediado por una rueda de conversación. Fundamentado en la Gestalt-terapia, especialmente en la noción de campo organismo-ambiente y en los procesos de ajuste creativo, el trabajo se comprende como una actividad que se destaca en el campo de la experiencia conforme emergen necesidades, organizando la percepción de sí mismo y del mundo. A lo largo de la vida, el trabajo asume funciones diversas, influenciadas por factores sociales, económicos, emocionales e identitarios. Los resultados indican que, para la participante mayor, el trabajo mantiene un carácter central incluso después de la jubilación, asociándose con dignidad, utilidad y sentido de pertenencia. Su permanencia en el mercado laboral se vincula tanto a la necesidad financiera como al deseo de mantenerse activa y socialmente integrada. En el caso de la participante adulta, el trabajo se configura como un proceso en construcción, marcado por la búsqueda de desarrollo profesional, autonomía, aprendizaje y proyección futura, orientado a una carrera satisfactoria. El análisis evidencia que el significado del trabajo es dinámico y se transforma según las demandas de cada etapa vital. Comprender estas diferencias resulta fundamental para prácticas organizacionales humanizadas, que consideren las necesidades de trabajadores en distintos momentos del ciclo vital. El estudio refuerza que el trabajo constituye un eje central del desarrollo psicológico, social y existencial a lo largo de la vida.

Palabras clave: desarrollo humano; Gestalt-terapia; sentido del trabajo; identidad profesional.

INTRODUÇÃO

O termo “trabalho” vem do latim *tripalium* que significa “instrumento de tortura” o que, originalmente, está associado àquele que sofre ou que é atormentado. Lhuillier (2013) ressalta que o sentido atual do trabalho evoluiu, mas as noções de limitação, pressão e esforço perduram, ou seja, toda a ideia de trabalho está relacionada

à mobilização de energia para atingir determinado objetivo. Além disso, a atividade laboral possui um caráter essencialmente social e não deve ser entendido como uma atividade restrita à satisfação de interesses individuais à medida que envolve uma dimensão coletiva, sendo realizado com e para os outros, de forma organizada, coordenada e voltada a objetivos comuns.

Rohm e Lopes (2015) compreendem o trabalho como um movimento social capaz de conservar, regenerar e transformar a realidade. Nesse sentido, o trabalho não apenas modifica o mundo ao redor, mas também promove a transformação do próprio trabalhador, configurando-se como um processo de aprendizado e desenvolvimento humano. Com base nessa compreensão, torna-se essencial analisar as transformações que o mundo do trabalho vem experimentando ao longo do tempo, já que tais mudanças impactam não só sua dinâmica e organização, mas também o modo como os trabalhadores atribuem sentido às suas atividades. As razões que levam os indivíduos a continuarem trabalhando, mesmo na ausência de uma necessidade financeira imediata, relacionam-se ao convívio social, ao sentimento de pertencimento, à percepção de utilidade e à busca por propósito na vida (Morin, 2001). Além disso, as características pessoais dos trabalhadores precisam corresponder, em certo grau, com as atividades que são desempenhadas, isto é, o trabalho precisa fazer sentido para aqueles que o executam.

Sobre o sentido do trabalho, Rohm e Lopes (2015, p. 342) afirmam que “os homens não podem trabalhar e viver sem dar sentido a suas ações. Quando a atividade faz sentido para o sujeito, sua adesão está adquirida”. Por isso, tem-se pensado, estruturado e praticado outras formas de gestão de pessoas nas organizações que visem o alinhamento entre as expectativas das empresas e das pessoas.

A relevância deste estudo está em compreender como diferentes fases do desenvolvimento humano atribuem sentido ao trabalho, especialmente em um contexto em que as transformações do mundo do trabalho impactam diretamente a identidade, o bem-estar e a participação social dos indivíduos. Ao investigar como adultos e idosos percebem e vivenciam o trabalho, o estudo contribui para ampliar a compreensão sobre as motivações, significados e expectativas que orientam a relação das pessoas com sua atividade laboral, oferecendo subsídios importantes para práticas mais humanizadas de gestão de pessoas e para a promoção de ambientes de trabalho que considerem as necessidades e perspectivas ao longo do ciclo vital.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar, por meio de um relato de experiência, como diferentes fases do desenvolvimento humano – adulta e idosa –

percebem e atribuem significado ao trabalho, considerando elementos como trajetória profissional, vivências pessoais, interpretações individuais e o sentido que a atividade laboral assume em cada etapa da vida, tendo a Gestalt-terapia como base teórica para a análise e discussão das informações.

REFERENCIAL TEÓRICO

GESTALT-TERAPIA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicológica desenvolvida por Frederick S. Perls, também conhecido como Fritz Perls, que foi um psicoterapeuta e psiquiatra nascido na Alemanha em 1893. Até cerca de metade de sua carreira, Perls atuava e realizava diversos estudos sobre a Psicanálise, abordagem desenvolvida por Sigmund Freud. Entretanto, em 1946, Perls rompeu com a psicanálise e prosseguiu com o desenvolvimento da Gestalt-terapia (Fadiman; Frager, 1986).

A abordagem gestáltica parte do princípio de que o todo não pode ser compreendido pela simples análise de suas partes, uma vez que é definido pelas interações e interdependências que existem entre elas. Perls (1977, p. 19) destaca que a natureza humana é organizada e vivenciada em partes ou todos e “que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita”. Sendo assim, considera-se que a Gestalt-terapia atua por meio de uma visão holística do ser humano, ou seja, o indivíduo em sua totalidade. Fadiman e Frager (1986) ressaltam que a Gestalt-terapia enfatiza a autopercepção presente e imediata do indivíduo, o “aqui e agora” associado ao meio em que ele está inserido. Além disso, a orientação fenomenológica de Perls, traz como consequência a ênfase na importância da compreensão da experiência do indivíduo de maneira descritiva e não causal, ou seja, o “como” se sobrepõe ao “porque”. Assim, o foco da Gestalt-terapia está na ampliação da consciência em relação sobre como o sujeito se comporta em detrimento do motivo pelo qual ele se comporta dessa forma.

Perls *et al.* (1997) consideram que qualquer estudo sobre o crescimento deve considerar o campo organismo/ambiente, onde ocorre a significação através da assimilação do contato, ou seja, uma necessidade psicológica e fisiológica que é sentida toda vez que o equilíbrio do organismo é perturbado (Perls, 1977). O contato com situações, pessoas e experiências do cotidiano constitui um processo dinâmico por meio

do qual uma necessidade ou interesse vai ganhando força e clareza dentro do campo organismo–ambiente. À medida que essa necessidade se intensifica, ela se destaca progressivamente do contexto, tornando-se mais nítida e ocupando o lugar de figura dominante na experiência da pessoa. Na prática, funciona assim: quando algo importante aparece na vida da pessoa (uma necessidade, um problema, um interesse), isso se destaca no campo formado pela relação indivíduo-ambiente. Essa questão vai ganhando força e clareza, até se tornar o foco principal da atenção. Ao entrar em contato com essa necessidade, reconhecendo-a, vivenciando-a e lidando com ela, a pessoa consegue integrá-la, aprender com a experiência e seguir para um próximo ciclo de crescimento. Sendo assim, os indivíduos crescem quando percebem o que falta, entram em contato com isso no ambiente e conseguem assimilar essa experiência de forma significativa.

O processo de crescimento psicológico, segundo Perls *et al.* (1997), ocorre por meio da expansão das áreas de autoconsciência e envolve a conscientização a respeito de aspectos agradáveis, mas também desagradáveis. Em contrapartida, a fuga da conscientização e a rigidez comportamental inibem o processo de crescimento e a natureza autorreguladora do organismo humano. Perls (1977) destaca ainda que aprender é descobrir que algo é possível e, neste sentido, entende-se que o desenvolvimento humano decorre das múltiplas experiências vividas desde o nascimento e da maneira singular como cada indivíduo atribui sentido e forma às suas vivências cotidianas.

No que se refere o desenvolvimento humano, Soares (2005, p. 1) argumenta que a perspectiva da Gestalt-terapia não pressupõe um caminho com marcos predefinidos baseados em generalizações e explica: “Penso que não é possível em nossa abordagem pensar desenvolvimento de modo cartesianamente compartimentado, dividido, naturalizado, previsível e predizível, como consta na maioria dos textos clássicos”. Para a Gestalt-terapia a noção de desenvolvimento se revela em um sentido de plenitude, sendo um processo constituído de sensibilidade, de percepção, de integração e de algo que foi vivido, ou seja, a dimensão do processo permanente de constituição do ser humano.

Além disso, Soares (2005), elucida que pensar o ser humano em um processo de desenvolvimento indica continuidade, é um permanente “tornar-se” por meio da ampliação de perspectivas e da atualização das possibilidades, que ocorrem devido à abertura e a fechamento das *gestalten* (experiências que se organizam como um todo

significativo). Neste sentido, Antony (2006) compreende o desenvolvimento humano como um processo contínuo e permanente que ocorre por meio de ajustamentos criativos e pela capacidade natural de autorregulação do organismo. Segundo Perls *et al.* (1997) é através dos ajustamentos criativos, ou seja, da capacidade de adaptação flexível e saudável, que o indivíduo busca atender às suas necessidades como forma de garantir sua sobrevivência, ampliando as possibilidades de atuação no mundo.

A partir dessa compreensão, o desenvolvimento humano, na perspectiva da Gestalt-terapia, não é entendido como um processo linear ou delimitado por etapas fixas, mas como um movimento contínuo que se constrói ao longo da vida a partir das experiências vividas no contato com o ambiente. Soares (2005) aponta que, para a Gestalt-terapia, o desenvolvimento não se refere a um ponto de chegada ou a um estado ideal de completude, mas a um processo permanente de ampliação das possibilidades do sujeito, marcado pela integração das experiências, pela abertura e fechamento de *gestalten* e pela ampliação da *awareness* (consciência plena do “aqui e agora”). Desse modo, compreende-se que o indivíduo se encontra em constante processo de “vir-a-ser”, no qual cada momento da vida apresenta novas demandas e convoca o sujeito a reorganizar sua experiência por meio de ajustamentos criativos frente às condições do campo organismo/ambiente (Soares, 2005).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento se relaciona diretamente com as experiências concretas do cotidiano, uma vez que é nelas que o sujeito constrói sentidos, valores e formas singulares de “estar-no-mundo”. Entre essas experiências, o trabalho ocupa um lugar significativo, visto que atravessa a relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a realidade em que está inserido (Lhuillier, 2013). Assim, o trabalho pode ser compreendido como um espaço privilegiado de contato, no qual o sujeito se reconhece, atribui sentidos à sua existência e reorganiza sua experiência.

Portanto, essa compreensão permite afirmar que o desenvolvimento não pode ser pensado de maneira dissociada das condições históricas e sociais nas quais o sujeito está inserido, uma vez que é nesse contexto que suas experiências ganham forma e significado. Leontiev (2010) aponta que o desenvolvimento da consciência está diretamente relacionado à atividade realizada pelo indivíduo em seu meio social, sendo essa atividade uma mediação fundamental entre o sujeito e a realidade.

O SENTIDO DO TRABALHO EM DIFERENTES ESTÁGIOS DA VIDA

O trabalho é definido por Marx (2013 [1866]) como o elemento central da produção da riqueza e da organização da sociedade capitalista, constituindo-se como atividade consciente e intencional pela qual o ser humano transforma a natureza para satisfazer suas necessidades. No capitalismo, o trabalhador não vende meramente o produto do seu trabalho, mas sim sua força de trabalho e sua capacidade de trabalhar. Em síntese, Marx (2013 [1866]), e outras obras produzidas pelo mesmo autor, concebe o trabalho como mecanismo de criação de valor que é explorado no sistema capitalista e que sustenta a acumulação do capital. Além disso, a alienação do trabalho, processo amplamente presente no capitalismo, faz com que o trabalho, que deveria ser algo humano e criativo, vire algo mecânico e imposto, assumindo uma lógica mais econômica do que filosófica.

Entretanto, para Rios e Rossler (2017), o trabalho constitui a atividade central que permeia a vida adulta até a velhice, assumindo características distintas em cada fase. Os autores destacam que, por meio do trabalho, os indivíduos adquirem novos tipos de atividades, conhecimentos e habilidades, ao mesmo tempo em que transformam suas motivações, sentimentos e relações interpessoais. Além disso, o trabalho atua na modelagem e na reorganização do desenvolvimento psíquico do trabalhador, sendo responsável por influenciar as principais mudanças na personalidade ao longo da vida. Isso porque existem relações hierárquicas entre as diferentes atividades que influenciam na relação do sujeito com a realidade e, a partir dessa hierarquização, é possível delimitar distintos estágios do desenvolvimento que são marcados por uma atividade principal (Leontiev, 2010). Sendo assim, as fases adulta e idosa são notavelmente atravessadas pela temática do trabalho como atividade central.

Na vida adulta, o trabalho representa para o indivíduo a manifestação de si mesmo pela atividade que executa, ou seja, o trabalho, além de produzir um resultado que supre uma necessidade social, também repercute sobre a existência individual dos sujeitos. Já a oferta e as possibilidades de trabalho para a população idosa são baixas e, quando existem, compreendem postos menos qualificados, com vínculos mais frágeis e remunerações inferiores (Kreling, 2016). Além disso, as disputas e as exigências são maiores para as pessoas mais velhas. Entretanto, Chrisostomo e Macedo (2011) observaram que a permanência de pessoas idosas no mercado de trabalho, mesmo após a aposentadoria, tem a função principal de preencher a vida e evitar o vazio existencial. Além disso, o trabalho também representa dignidade, valorização pessoal, cidadania e força. Souza (2017) considera que muitos dos indivíduos optam por continuar a

trabalhar mesmo na fase idosa, devido ao caráter psicológico, simbólico e cultural atribuído ao trabalho, além de promover a constituição das identidades sociais e contribuir para a satisfação pessoal dos indivíduos.

Morin (2001) considera cinco motivos pelos quais os indivíduos atribuem sentido ao trabalho que executam e são eles: 1) Realizar-se e atualizar suas competências; 2) Adquirir segurança e desenvolver autonomia; 3) Relacionar-se com os outros e estar vinculado a grupos; 4) Contribuir com a sociedade; e 5) Ter um sentido na vida e manter-se ocupado. Ademais, existem algumas características que fazem o trabalho ter sentido e englobam os sentimentos de satisfação e prazer, a obtenção de um resultado útil, ser desafiador, propiciar experiências no âmbito das relações humanas, criar laços afetivos, garantir a segurança, possibilitar a autonomia, ocupar o tempo e receber um salário que atenda às necessidades básicas (Morin, 2001). Tolfo e Piccinini (2007) ressaltam que o sentido atribuído ao trabalho pelos indivíduos depende, principalmente, de fatores como desenvolvimento, crescimento, autonomia e reconhecimento. Já Souza (2017) considera que, para ter sentido, o trabalho precisa garantir a sobrevivência do indivíduo, gerar prazer, oportunizar o processo de aprendizagem, promover a autonomia e ser reconhecido.

Sob essa ótica, o trabalho não se restringe a uma atividade voltada apenas à subsistência ou à produtividade, mas passa a ocupar um papel importante na organização da vida psíquica e social do indivíduo. Ao longo da vida, ele atravessa a construção da identidade, o reconhecimento social e as formas de participação no mundo, assumindo sentidos que não permanecem fixos, mas se transformam conforme o sujeito vivencia novas experiências, assume responsabilidades e se depara com demandas próprias de cada momento de sua trajetória. Nesse sentido, o trabalho se apresenta como uma das principais formas de mediação, por meio da qual o indivíduo constrói sentidos sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo, integrando essas experiências ao seu processo de desenvolvimento.

Considerar o trabalho como parte integrante desse processo possibilita compreender que ele assume funções distintas ao longo da vida. Em determinados momentos, pode estar mais associado à construção de projetos futuros, ao aprendizado e à ampliação de possibilidades; em outros, pode representar a manutenção da autonomia, do sentimento de utilidade e do pertencimento social. Essas mudanças evidenciam que o desenvolvimento se expressa de maneira singular ao longo do ciclo

vital, convocando o sujeito a reorganizar continuamente sua relação com o trabalho e com o ambiente (Leontiev, 2010; Lhuillier, 2013; Soares, 2005).

Por fim, Souza (2017, p. 32) ressalta que “os sentidos do trabalho, por sua atribuição psicológica e social, variam, na medida em que derivam do processo de atribuir significados e se apresentam associados às condições históricas da sociedade”. Assim, a análise dos sentidos do trabalho em diferentes estágios da vida humana exige a consideração do contexto histórico e social no qual os sujeitos estão inseridos, bem como das transformações econômicas, culturais e políticas que atravessam determinado período. Desse modo, torna-se imprescindível compreender como cada sociedade concebe o trabalho, quais valores lhe são atribuídos e de que maneira essas concepções influenciam a construção subjetiva dos indivíduos ao longo do ciclo vital.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um estudo compreensivo de natureza qualitativa, apresentado no formato de relato de experiência. A abordagem qualitativa de pesquisa possibilita um tipo de debate teórico e metodológico característico das ciências humanas, visto que seu campo de investigação não se encontra previamente delimitado. Nesse sentido, o termo “qualitativo” refere-se à exploração do universo de significados presentes nas ações e nas interações humanas que podem ser examinados por meio de procedimentos de observação e análise, tornando possível compreender e interpretar seus sentidos e significações (Moura; Lima, 2014).

A investigação foi desenvolvida a partir da realização de uma roda de conversa, na qual duas participantes, representando as fases do desenvolvimento adulto e idoso, compartilharam suas percepções, opiniões e vivências relacionadas ao trabalho. A roda de conversa foi organizada em dois momentos distintos. No primeiro, realizou-se uma conversa livre, guiada por alguns tópicos relacionados ao tema como o sentido subjetivo do trabalho, a experiência do primeiro emprego, a influência do trabalho nas relações familiares, a importância atual das atividades laborais e as expectativas futuras que possuem em relação a elas. No segundo momento, foram feitas perguntas rápidas, direcionadas individualmente a cada participante, solicitando que respondessem com apenas uma palavra ou expressão que definisse ou representasse as palavras “trabalho”, “carreira”, “realização profissional” e “aposentadoria”.

Sob essa perspectiva, Oliveira e Gama (2024) definem a roda de conversa como um método de participação coletiva, amplamente utilizado em pesquisas qualitativas, que favorece o debate sobre um tema específico, promovendo o diálogo entre os participantes e possibilitando a expressão, a escuta mútua e o exercício reflexivo dos sujeitos envolvidos. Desta forma, entende-se que, para o presente trabalho, a roda de conversa funcionou como um instrumento metodológico com o objetivo de aprofundar a respeito das impressões, representações e processos de ressignificação construídos por cada um dos sujeitos.

A seleção das participantes ocorreu por amostragem por conveniência, considerando a acessibilidade ao campo de pesquisa. Assim, participaram do estudo duas pessoas que apresentavam disponibilidade e possuíam vínculo prévio de conhecimento com os pesquisadores. A voluntária representante da fase adulta foi identificada neste trabalho como “C.D.”, de 28 anos, e a representante da fase idosa como “M.M.”, de 78 anos. No momento da realização da pesquisa, C.D. exercia a função de técnica em segurança do trabalho em uma empresa privada e cursava o segundo semestre de Psicologia, estando inserida no mercado de trabalho há 14 anos, com suas primeiras experiências profissionais ocorridas informalmente no negócio da família. Já M.M. atuava na área administrativa do setor público e permanecia em atividade mesmo após a aposentadoria, acumulando uma trajetória profissional de 52 anos, sendo 47 anos dedicados ao serviço público e 5 anos à atuação em empresa privada.

Ambas as participantes autorizaram o uso das informações obtidas durante a roda de conversa para fins de divulgação científica e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nesse documento, foram apresentadas e esclarecidas as informações relativas aos objetivos do estudo, à metodologia empregada, aos procedimentos de coleta de dados, bem como às garantias de confidencialidade, anonimato e uso das informações exclusivamente para fins acadêmico-científicos. As participantes também foram informadas sobre o caráter voluntário de sua participação, tendo assegurado o direito de desistir do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os resultados da pesquisa foram organizados em quatro categorias de análise: 1) percepções subjetivas sobre o trabalho; 2) importância atual do trabalho no contexto de vida das participantes; 3) concepções sobre a aposentadoria; e 4) expectativas futuras em relação ao trabalho. Essas categorias foram analisadas à luz das falas das

participantes, considerando as especificidades das fases adulta e idosa. Neste sentido, Minayo (2012, p. 623) ressalta que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender”, isto é, o ato de colocar-se no lugar do outro levando em conta a singularidade do indivíduo, a história coletiva e a contextualização da temática analisada.

Sendo assim, os sentidos produzidos pelas participantes durante a roda de conversa foram discutidos, principalmente, com base na abordagem da Gestalt-terapia desenvolvida por Frederick Perls (Perls, 1977; Perls *et al.*, 1997), mas também foram considerados outros autores e perspectivas correlacionados à temática do trabalho (Lhuillier, 2013; Magalhães; Gomes, 2005; Pazos; Bonfatti, 2020; Rohm; Lopes, 2015).

Por fim, destaca-se que o presente estudo integra o Trabalho Efetivo Discente (TED), apresentado ao Centro Universitário de Balsas – UNIBALSAS, constituindo-se como uma proposta de articulação entre teoria e prática no processo formativo. Para além da produção de conhecimento científico, o TED também se configura como uma iniciativa com potencial de contribuição social ao fomentar reflexões e debates sobre questões relevantes para a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresentam-se as análises dos resultados obtidos a partir das falas das participantes acerca do sentido atribuído ao trabalho. Em relação à primeira categoria de análise, quando questionadas a respeito de suas percepções individuais sobre o trabalho, emergiram representações distintas. M. M., 78 anos, destacou principalmente aspectos de ordem pessoal, além de mencionar a máxima de Max Weber, que compreende o trabalho e a dignidade como valores inerentes à humanidade (Xavier; Simon, 2012).

O trabalho dignifica o homem. A gente não pode viver sem trabalho. O trabalho é capaz de desenvolver as nossas habilidades, nos ajudar nos relacionamentos com outras pessoas e mostrar até onde podemos ir usando nossas forças, nossos conhecimentos e reconhecendo nossas limitações também. (M. M., 78 anos)

Já C. D. de 28 anos, ajustou o foco de sua percepção para o papel e a função social do trabalho, compreendendo-o como uma atividade que ultrapassa a dimensão estritamente individual. Nessa perspectiva, o trabalho é concebido como uma prática

social mediada pelas relações entre os sujeitos, orientada para a produção de algo socialmente útil. Conforme destaca Lhuillier (2013), o trabalho constitui uma atividade na qual os indivíduos se encontram “ligados” uns aos outros, compartilhando objetivos, responsabilidades e sentidos, o que reforça seu caráter coletivo e sua relevância para a organização da vida social.

A questão de trabalho para mim é não só uma questão individual, mas também social, de contribuição. (C.D., 28 anos)

Para Chrisostomo e Macedo (2011), é através do trabalho que as pessoas se tornam parte de um grupo social e encontram nele o seu próprio papel, identidade e status social. Além disso, Rohm e Lopes (2015) consideram o trabalho como um “movimento social” de transformação da realidade.

Em relação ao conceito de campo organismo–ambiente, definido por Perls *et al.* (1997), compreende-se que o trabalho se apresenta como parte integrante da rede de relações estabelecidas entre o indivíduo e o contexto em que está inserido, influenciando a construção de significados, escolhas e posicionamentos ao longo da vida. Nesse sentido, observa-se que ambas as participantes atribuem sentidos às atividades laborais a partir das experiências vividas e das condições de seus respectivos contextos de vida. Assim, enquanto para C.D. o trabalho é compreendido sobretudo como uma forma de contribuição social e de participação na coletividade, para M.M. ele se relaciona de maneira mais direta com responsabilidades familiares e com a necessidade de prover e cuidar dos outros.

Sobre a importância atual do trabalho, segunda categoria de análise, M. M. de 78 anos ressaltou que trabalha até os dias atuais por necessidade, porque existem pessoas na família que dependem dela financeiramente. Pazos e Bonfatti (2020) consideram que a continuidade dos idosos no mercado de trabalho está associada às questões financeiras como para complemento da aposentadoria e auxílio na renda familiar.

[O trabalho] era sobrevivência, ajudar a família e até hoje [é] também, porque a gente precisa e tem os outros que precisam... Eu acredito que eu vim a esse mundo para ajudar os outros. Então até hoje a família conta comigo. (M. M., 78 anos)

Para C. D., de 28 anos, o momento atual em relação ao trabalho configura-se como um processo contínuo de construção e formação, marcado pela aquisição de

conhecimentos, pelo desenvolvimento de competências e pela consolidação de sua trajetória profissional.

Na verdade, eu estou em um momento de construção. (...) Eu construí um alicerce de muito aprendizado desde o meu primeiro emprego até aqui. (...) O meu pensamento é de evolução e também de uma construção de carreira que possa me proporcionar realmente satisfação e também, principalmente, conquistas... (C.D., 28 anos)

Neste sentido, Soares (2005, p. 2) traz, na perspectiva da Gestalt-terapia, o conceito de permeabilidade e explica que ela “pode ser entendida como o fluxo de atenção do ser-no-mundo ao seu próprio processo de desenvolvimento”. Esse aspecto pode ser associado ao pensamento de Sartre (1943), ao evidenciar a ideia de que o ser humano é um projeto em constante construção, orientado para aquilo que ainda não é. Dessa forma, a noção de construção pessoal e profissional encontra-se presente na Teoria Humanista desde suas bases fenomenológico-existenciais, refletindo-se, inclusive, nos fundamentos da abordagem gestáltica.

A fala de C.D. evidencia um processo de conscientização acerca do papel que o trabalho ocupa em sua própria vida, especialmente no que se refere à dimensão de contribuição social. Tal compreensão pode ser relacionada ao conceito de *awareness*, discutido por Soares (2005), entendido como a capacidade do sujeito de perceber e reconhecer, no momento presente, suas necessidades, desejos e experiências. Nessa perspectiva, a *awareness* refere-se à ampliação da consciência no “aqui e agora”, permitindo que o indivíduo compreenda de forma mais clara os significados que determinadas experiências assumem em sua trajetória.

No que se refere à terceira categoria de análise, quando questionadas sobre suas concepções de aposentadoria, M. M., de 78 anos, relatou que já se encontra aposentada; contudo, optou por permanecer no exercício do trabalho por diferentes razões, entre as quais se destacam a manutenção da autoestima e a sensação de utilidade social. Para a participante, o trabalho ultrapassa a dimensão financeira, assumindo um papel fundamental na preservação do sentimento de pertencimento, na valorização pessoal e na atribuição de sentido à vida cotidiana.

A aposentadoria... A gente sonha com essa aposentadoria quando a gente vai trabalhar, só que no momento em que você aposenta acontece o que aconteceu comigo. Eu passei um período sem trabalhar e me senti inútil. (M. M., 78 anos)

Eu já sou aposentada. Passei um período de três anos e pouco sem trabalhar, mas eu descobri que não era coisa boa. Eu mesma me perguntava... ‘O que que eu tô fazendo da minha vida?’. (M. M., 78 anos)

Lhuillier (2013, p. 487) considera que o trabalho “é o que permite não se viver como um inútil no mundo” e essa percepção é reforçada por Mendes *et al.* (2005) quando ressalta que as mudanças que ocorrem no estilo de vida da pessoa na fase idosa podem gerar frustração e sentimento de inutilidade. Além disso, o fato de a participante permanecer em atividade laboral mesmo após a aposentadoria pode ser compreendido à luz do conceito de ajustamento criativo. Esse conceito refere-se à capacidade do indivíduo de adaptar-se de forma flexível às demandas que emergem no campo organismo–ambiente (Soares, 2005). Nessa perspectiva, a continuidade do trabalho na vida de M.M. pode ser interpretada como uma forma de reorganização de sua experiência diante das mudanças associadas à aposentadoria, permitindo-lhe manter-se ativa, integrada ao meio social e em contato com necessidades que permanecem significativas em sua trajetória de vida.

Já para C. D. de 28 anos, a visão da aposentadoria está, em grande parte, associada às questões econômicas e Bressan *et al.* (2013) reforça em seu estudo que os fatores que mais contribuem para o bem-estar na aposentadoria são saúde e tranquilidade financeira.

Aposentadoria para mim (...) tem essa questão de preocupação em relação à condição econômica do futuro. (C.D., 28 anos)

Em relação às expectativas futuras para o trabalho, quarta e última categoria de análise, a percepção de M. M., 78 anos, articula-se à concepção apresentada por Magalhães e Gomes (2005), que destacam a preocupação do indivíduo com o cuidado, o desenvolvimento e o bem-estar das gerações futuras. Isso se manifesta por meio do desejo de contribuir socialmente, compartilhar conhecimentos e deixar um legado significativo.

Eu não posso fazer expectativas para mim mesma, mas para os outros, porque eu já estou, como se diz, com o ‘pé na cova’. (M. M., 78 anos)

Apesar da idade definida na literatura para o estágio citado acima ser entre 40 e 65 anos, entende-se que o conceito de idade é subjetivo e engloba as idades: 1) Cronológica: conjunto de mudanças esperadas para determinado estágio da vida; 2)

Biológica: tempo de vida restante de um indivíduo; 3) Social: grau de adequação dos indivíduos no desempenho dos papéis esperados para pessoas da mesma fase; e 4) Psicológica: senso subjetivo de idade. Os diversos conceitos de idade trazem a possibilidade de compreensão da adaptação de cada sujeito ao processo de envelhecimento (Batistoni; Namba, 2010).

Para C. D., de 28 anos, as expectativas futuras não se restringem aos aspectos relacionados ao trabalho, abrangendo também conquistas e realizações no âmbito pessoal. Nesse sentido, o trabalho é compreendido como parte integrante de um projeto de vida mais amplo, articulando-se a objetivos de crescimento individual, autonomia, estabilidade e realização subjetiva.

As minhas aspirações estão sendo construídas agora, mas o meu pensamento é muito maior do que, vamos dizer, nesse momento agora. Quero galgar lugares onde eu nunca estive, fazer viagens, quem sabe, fazer mestrado também... (C.D., 28 anos)

Por fim, ainda relacionado à fala de C. D., que surgiu carregada de planos futuros e expectativas no âmbito pessoal e profissional, Fadiman e Frager (1986) ressaltam que a abordagem gestáltica de Perls envolve a capacidade de fazer escolhas e de assumir a responsabilidade pela própria vida, aspectos que são reforçados por Sartre (1943) quando escreveu que o homem está condenado a ser livre e a ser integralmente responsável por si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente experiência permitiu compreender como diferentes fases do desenvolvimento humano atribuem sentidos distintos ao trabalho, revelando que essa atividade, para além de seu caráter econômico, assume funções simbólicas, emocionais, relacionais e identitárias ao longo da vida. Tanto na fase adulta quanto na velhice, o trabalho foi percebido como elemento estruturante da existência, ainda que marcado por motivações, expectativas e vivências diferentes entre as participantes.

Para a participante idosa, o trabalho apareceu como fonte de dignidade, utilidade e pertencimento, reafirmando seu papel social e seu valor pessoal, mesmo após a aposentadoria. Sua fala evidencia que, para muitos idosos, a continuidade no trabalho ultrapassa a necessidade financeira, sendo fundamental para evitar sentimentos de vazio, inutilidade e ruptura identitária. Já para a participante adulta, o trabalho se configurou

como espaço de construção, aprendizado e projeção de futuro, ligado ao desenvolvimento de carreira, autonomia e realização pessoal. Essa distinção evidencia que, enquanto na velhice o trabalho se vincula ao passado e à manutenção de vínculos sociais, na vida adulta ele se orienta sobretudo para o futuro e para a afirmação de um projeto de vida.

A partir da Gestalt-terapia, foi possível interpretar essas vivências como expressões dos ajustamentos criativos que cada indivíduo realiza em seu campo organismo/ambiente, respondendo às necessidades emergentes em cada etapa da vida (Soares, 2005). O trabalho, portanto, surge como figura dominante em diferentes momentos do ciclo vital, organizando a percepção de si e do mundo, orientando escolhas e possibilitando crescimento psicológico.

Os resultados reforçam a importância de compreender o sentido do trabalho de forma contextualizada, considerando a singularidade das experiências e a influência do desenvolvimento humano sobre a relação com a atividade laboral. Além disso, o estudo evidencia a relevância de práticas de gestão e políticas sociais que reconheçam essas particularidades, promovendo ambientes de trabalho mais inclusivos, sensíveis às necessidades de diferentes faixas etárias e capazes de apoiar processos de construção de sentido.

Conclui-se que o trabalho permanece como um eixo estruturante da existência humana, atravessando a constituição da identidade e a forma como o sujeito se coloca no mundo. Contudo, sua significação não é fixa nem universal, mas construída e reconstruída ao longo do ciclo vital, em diálogo constante com as experiências vividas, os limites do tempo, as expectativas de futuro e as possibilidades que se apresentam em cada etapa da vida. Nesse sentido, compreender o trabalho para além de sua função produtiva implica reconhecê-lo como espaço de sentido, de contato e de expressão do ser. Tal compreensão convida à construção de intervenções, políticas e práticas que não reduzam o sujeito ao fazer, mas que acolham a complexidade da experiência humana e afirmem sua existência em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ANTONY, Sheila. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. IGT na Rede ISSN 1807-2526, v. 3, n. 4, 2006.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares; NAMBA, Carina Sayuri. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. **Psicologia em Estudo**, v. 15, p. 733-742, 2010.



BRESSAN, Maria Alice Lopes Coelho *et al.* Bem-estar na aposentadoria: o que isto significa para os servidores públicos federais?. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 16, p. 259-272, 2013.

CHRISOSTOMO, Alessandra Cássia Ribeiro; MACEDO, Rosa. O Trabalho Segundo a Visão de um Grupo de Aposentados. **Revista Kairós Gerontologia** 14(1), 149-161. ISSN 2176-901X. São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2011.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**; coordenação da tradução Odette de Godoy Pinheiro; tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo, 1986, p. 125-148.

KARPEN, Magaly Fernandes Santiago. Des-envolver humano: ampliação de campo para Gestalt-Terapia. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 2, p. 108-126, 2018.

KRELING, Norma Hermínia. Envelhecimento e inserção do idoso no mercado de trabalho, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 43, n. 3, 2016. p. 141-154.

LEONTIEV, Alexis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich, 1896-1934. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**/ Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone, 2010, p. 59-84.

LHUILIER, Dominique. Trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 483-492, 2013.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; GOMES, William Barbosa. Personalidades vocacionais, generatividade e carreira na vida adulta. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 71-79, 2005.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013 [1866].

MENDES, Márcia R.S.S. Barbosa; GUSMÃO, Josiane Lima de; FARO, Ana Cristina Mancussi e; LEITE, Rita de Cássia Burgos de O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta paulista de enfermagem**, v. 18, p. 422-426, 2005.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de administração de empresas**, v. 41, p. 08-19, 2001.

MORIN, Estelle *et al.* O trabalho e seus sentidos. **Revista Psicologia e Sociedade/UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, Edição Especial, 2007, p. 47-56.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 13, n. 2, 2024.

PAZOS, Priscila de Freitas Bastos; BONFATTI, Renato José. Velhice, trabalho e saúde do trabalhador no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 6, p. e200198, 2020.

PERLS, Frederick Salomon (1977). **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar.

PERLS, Frederick Salomon *et al.*, 1893-1970. **Gestalt-terapia** / Frederick Perls, Ralph Hefferline, Paul Goodman [tradução Fernando Rosa Ribeiro]. São Paulo: Summus, 1997.

RIOS, Camila Fernanda Moro; ROSSLER, Joao Henrique. O TRABALHO COMO ATIVIDADE PRINCIPAL NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DO INDIVÍDUO ADULTO. **Psicologia em estudo**, v. 22, n. 4, p. 563-573, 2017.

ROHM, Ricardo Henry Dias; LOPES, Natália Fonseca. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 13, p. 332-345, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. de Paulo Perdigão. 1943.

SOARES, Luciana Loyola Madeira. Um convite para pensar sobre desenvolvimento em Gestalt-Terapia. *IGT na Rede* ISSN 1807-2526, v. 2, n. 3, 2005.

SOUZA, Janair Machado de. **Os sentidos do trabalho e o envelhecimento: um estudo de caso com adultos maduros que atuam como corretores de imóveis**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e Significados do Trabalho: Explorando Conceitos, Variáveis e Estudos Empíricos Brasileiros. **Psicologia & Sociedade**; Porto Alegre, v. 19, Edição Especial 1, 2007, p. 38-46.

XAVIER, Bruno Gadelha; SIMON, Caroline. Max Weber recepcionado pela Constituição: o viés constitucional da dignidade como prisma necessário ao trabalho humano. **JUS SOCIETAS-JS**, v. 2, n. 1, p. 106-120, 2012.

Submetido em: 09/02/2026

Aceito em: 14/03/2026